

# Deixis Am Phantasma: Meditações em Torno do Significado Ausente

*Deixis Am Phantasma: Reflections around absent meaning*

Caio César Costa Santos\*


**RESUMO:** Este artigo tem o propósito de apresentar, à luz de uma perspectiva psicológica, a origem e manifestação da deixis am phantasma proposta por Bühler (1967), na obra *Sprachtheorie*. Raramente, veem-se algumas referências em torno desta questão fenomenológica. Partindo-se ora de fragmentos episódicos criados por mim, ora de imagens mentais formuladas por Bühler (1967), tentamos investigar mais detidamente as funções, as características e as manifestações da deixis am phantasma. A contribuição de nossa investigação linguística reside no fato de que o fenômeno dêitico também tem relação com o passado estruturante, com as pistas deixadas para trás e com a invisibilidade do objeto designado. Nossos resultados preliminares apontam que a deixis am phantasma funciona mais como um fenômeno perceptual de demonstração do que meramente um signo linguístico de referência. Veremos que a força do pensamento, bem como a fonte da memória são condições primordiais para o acesso a “situações-fantasmas”.

**PALAVRAS-CHAVE:** : Deixis am phantasma; Bühler; Significado ausente.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to present, in the light of a psychological perspective, the origin and manifestation of the deixis am phantasma proposed for Bühler's (1967) in the work *Sprachtheorie*. Rarely, there are some references around this phenomenologic question. Starting now from episodic fragments created by me, sometimes from mental images formulated by Bühler (1967), we try to investigate more closely the functions, characteristics and manifestations of the deixis am phantasma. The contribution of our linguistic inquiry lies in the fact that the deictic phenomenon is also related to the structuring past, the clues left behind, and the invisibility of the designated object. Our preliminary results show that deixis am phantasma functions more as a perceptual phenomenon of demonstration than merely a linguistic sign of reference. We will see that the force of thought, as well as the source of memory, are essential conditions for accessing “ghost situations”.

**KEYWORDS:** Deixis am phantasma. Bühler. Absent meaning.

\* Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: caio-costa@live.com

 10.46230/2674-8266-12-3120

Distribuído sobre



## INTRODUÇÃO

Originalmente, o termo dêixis corresponde a um ato de apontar alguma coisa para alguém. À primeira vista, parece ser um ato simples de deslocar-se em um ambiente específico, mas é muito mais complexo do que se imagina. De início, a primeira questão que o leitor tem diante do fenômeno dêitico é a identificação do *self* com o objeto designado. Isto é tão verdade que, normalmente, no desenvolvimento da linguagem, o elemento dêitico é um dos últimos componentes em que uma criança de aproximadamente cinco anos de idade internaliza como efeito pertencente à atmosfera da linguagem. Antes disto, saibamos que um bebê, após sair do ventre da mãe, já se compõe de signos dêiticos como o mais característico, o ato de apontar. Para onde o bebê aponte, este sinal é captado pela mãe e logo interpretado como uma possibilidade de interação e deslumbramento com algum objeto. No entanto, o interessante a notar é que o bebê só compreende este ato como um signo proveniente de uma semiose a partir dos cinco anos de idade. Nesta fase, a criança, já consegue captar as coisas do mundo, ao mesmo tempo em que aponta para algo, dar significado ao objeto. Como se observa, já nos primeiros anos de vida, percebemos a origem do fenômeno dêitico (JESPERSEN, 1964).

A teoria específica sobre a “dêixis”, desenvolvida em pensadores como Bühler (1967), Jakobson (1975), Peirce (1977), Lahud (1979), Bar-Hillel (1982), Lyons (1982), Benveniste (1989), Levinson (2007), Hanks (2008), Récanati (2013), entre outros, é a de uma concepção clássica da dêixis, uma vez que estes autores legitimaram a sua autoria em torno desta questão de meados do século XX *a posteriori*. Estes pensadores esboçam uma teorização da dêixis, afirmando que o sistema dêitico se assemelha ao sistema da língua, em que os signos “dão suporte” à significação. Em poucas palavras, a teorização da dêixis para estes autores é a de que o sistema dêitico é composto por relações espaciais e temporais e que, dentro destas relações, a função do ato de apontar é o mais característico.

Mas, à luz de um ponto de vista psicológico, a teoria da dêixis promete ser muito mais do que meramente um ato de apontar alguma coisa a alguém. Dentro do processo de constituição deste fenômeno em particular, a memória, seja ela, individual, demonstrativa, retrospectiva, eidética e imagética, exerce um papel profundamente importante no desenvolvimento desta teoria. Autor (2014) foi um dos poucos linguistas que, junto a Bühler (1967), observaram que, dentro do fenômeno dêitico, o ato de apontar é também uma característica marcante do passado. No ato de enunciação, mesmo que o *self* aponte para frente, ele deixa para trás toda uma memória reduzida a pistas, rastros, índices, vestígios, que, vez ou outra, também participam do processo de desenvolvimento das categorias dêiticas.

A unidade do tempo é um dos caracteres que formam ordinariamente o tecido linguístico no qual se aloja a dêixis. Émile Benveniste (1989) teceu uma reflexão em torno do presente linguístico e ele mesmo supôs que, dentro de cada ato verbal emitido pelo *self*, há simultaneamente uma “translocação” das categorias dêiticas. Já William Hanks (2008), amparado em Bühler (1967), percebeu alguma coisa similar: ele disse que o sistema dêitico pode ser analisado como um “campo” e que este “campo” pode ser possivelmente “expandido” para abrigo as coordenadas da percepção, da memória, da intuição, da fantasia etc. Roman Jakobson (1975) chamou a dêixis com outra nomenclatura (a saber, de *shifter*) e demonstrou que a unidade do contexto é essencial para as relações dêiticas. Charles Peirce (1977)

contribuiu imensamente, ao descrever todo o itinerário de composição do *index* na tessitura do texto.

Stephen Levinson (2007) foi um dos poucos teóricos que reuniu em um só capítulo uma abordagem particular da dêixis. Parecido com Jakobson (1975), Bar-Hillel (1982) fez-nos mostrar que a aderência ao componente contextual é de suma importância à significação do signo dêitico. John Lyons (1982) descreveu tacitamente que a dêixis é uma categoria própria da Semântica. Já Michel Lahud (1979) foi um dos poucos que dedicaram o seu tempo a escrever um livro sobre a questão e, por fim, François Récanati (2013) foi um filósofo que motivou os especialistas na área a formarem o seu ponto de vista crítico em torno do fenômeno, trazendo, para a teoria, a importância das imagens mentais construídas com a força do pensamento, especificando um termo para tal: *indexical thoughts*.

Contudo, voltando ao terreno particular da dêixis e suas relações com a memória, é justamente neste campo intelectual que a teorização sobre a dêixis se desenvolve de modo fantástico. Karl Bühler, famoso pensador intelectual alemão, em sua obra *Sprachtheorie*, dedica um capítulo à formulação da teoria da dêixis dentro de um quadro que ele mesmo afirma “psicológico”. Bühler (1967) designa o termo *deixis am phantasma* para a referência a objetos ausentes ao espaço de percepção ou intelecção. Até aqui, o especialista em dêixis pode facilmente fazer um “corte” epistemológico na teoria em questão e partir para uma nova visualização desta questão. O que queremos dizer com isto? Que a teoria da dêixis adquire um novo rótulo de investigação a partir da afirmação de Bühler (1967) de que existe, além da dêixis comum (pessoal, espacial, temporal), uma dêixis proveniente do imaginário, nos termos buhlerianos, da “fantasia construtiva”.

Só por curiosidade e para demonstrar que este campo é mesmo novo, embora já discutido há décadas, se caso o leitor procurar em um site renomado de pesquisa como o *Google*, o termo *deixis am phantasma*, serão mostradas apenas 13 páginas de acesso ao assunto, quando a pesquisa deveria enquadrar centenas de *links*. Percebe-se, então, que o tema é pouco discutido entre os linguistas, filósofos, cientistas e pensadores da área de estudos linguísticos. Embora haja poucos sinais de produção científica sobre a *deixis am phantasma*, nos colocaremos na complexa responsabilidade de estudar um “campo” que, além de pouco difundido, têm poucas referências sobre o assunto.

Até o início do século XX, não havia nenhuma teoria em torno da questão sobre a dêixis que focalizasse, sobretudo, a memória. No entanto, neste artigo, tentaremos compreender o porquê Bühler (1967) cunhou o termo *deixis am phantasma* para a referência a objetos ausentes. Quais foram os “sinais” que o levaram a construir uma teoria linguística sobre o tema. Além disso, tentaremos desenvolver, à luz de pressupostos teórico-metodológicos, novas abordagens sobre o fenômeno, intercalando memória, cognição, semiose, fenomenologia etc.

No decorrer do texto aqui exposto, tentaremos também analisar algumas ilustrações formuladas por Bühler (1967), que supostamente evocam a *deixis am phantasma*, mostrando as suas principais características, funções e novas descrições em torno desta questão. A nossa contribuição, a saber, está no fato de que a teoria da dêixis não pode ser discutida somente dentro de um quadro epistêmico lógico, estrutural e transparente; ao contrário, nossa investigação tem o intuito de demonstrar que o fenômeno dêitico, como o próprio Bühler (1967) supunha, tem um caráter “psicológico”, embora pouco inteligível, mas que se cerca de uma variedade de postulados teóricos, os quais mostram que a *deixis am phantasma*

é mesmo um “fantasma” e que, possivelmente, pode ser recepcionado como uma construção linguística própria de sua semiose.

## 1. O TERMO DEIXIS AM PHANTASMA E A SUA SIGNIFICAÇÃO

No capítulo “A *deixis am phantasma* e o uso anafórico dos demonstrativos”, Bühler (1967) tece uma discussão sobre a *deixis am phantasma* a partir de uma teorização psicológica. Ele afirma que “não somente os pronomes relativos no sentido estrito da palavra, mas também as conjunções indoeuropeias, encerram um momento de mostração e, por certo, uma mostração de algo que não há de buscar-se e encontrar-se em lugares do espaço perceptivo” (1967, p. 195).

Parecendo com a tradição fenomenológica de Bergson (2006), a saber, a de que o campo da percepção não aloja toda a potencialidade dos tempos verbais, Bühler (1967) quer demonstrar que algumas operações linguísticas de nossa língua não contêm um componente perceptual fidedigno capaz de revelar a sua mostração anafórica em uso. Atentemos para o termo “mostração”, o qual, dentre os especialistas em dêixis, é o único utilizado por Bühler (1967). Mas, há de distinguir entre “mostração” e “demonstração”; o primeiro diz respeito a uma mera apresentação do objeto, enquanto o segundo diz respeito a uma reapresentação do objeto, ou seja, um novo modo de visualizá-lo no espaço perceptivo.

A *deixis am phantasma* é mais uma demonstração de algo do que meramente uma mostração, porque o prefixo -de sinaliza uma reapresentação do signo dêítico, correspondendo a um outro “lugar” que não àquele do espaço perceptivo. Mas que novo “lugar” é este? Segundo Bühler (1967, p. 195), “se não há algo a buscar-se e encontrar-se” é porque a estrutura “física” do discurso não contém os sinais encrustados das designações dêíticas e, se caso as contivesse, o interlocutor ainda não observou a sua diferença na inteligibilidade de suas expressões. Na *deixis am phantasma*, o espaço perceptivo serve como local físico e estático de apresentação das coordenadas dêíticas, é o “campo” onde se originam e se atualizam estas coordenadas. Considerado psicologicamente, este “campo” incorpora um cenário fictício de apreensão das categorias dêíticas; é como se fosse uma subcamada do espaço perceptivo: nele se alojam as designações provenientes da memória.

Há o que se constatar na dicotomia realidade/fantasia. Bühler (1967) não distingue estes dois aspectos, ao contrário, insere-os numa mesma linearidade epistêmica, o que quer dizer que a realidade, ou seja, o espaço perceptivo assemelha-se ou tem verossimilhança com a fantasia construtiva. Em outras palavras, a realidade reflete a fantasia e a fantasia reflete a realidade. Ontologicamente, ambas são indistinguíveis. Se uma é a cópia fiel da outra, como saber se uma expressão dêítica se originou da realidade empírica ou da fantasia construtiva? Digamos que o sistema dêítico é fenomenologicamente simultâneo; as suas categorias se entrelaçam, se imbricam ou se interpolam. Só saberemos de qual “realidade” determinado signo dêítico pertenceu se o interlocutor conhecer a origem ou o ponto *Origo* do qual aquela expressão nasceu. É interessante notar que a *deixis am phantasma* se distingue da anáfora e da *demonstratio ad oculos*. Enquanto o processo anafórico e a *demonstratio ad oculos* surgem na cadeia textual partindo-se do presente do discurso, a *deixis am phantasma* aparece ilusoriamente na dimensão do passado.

Tomemos como destaque o verbo “aparecer”. É, portanto, através de e por meio de uma *aparição* que a *deixis am phantasma* se manifesta no discurso. Esta expressão particular nasce de um deslocamento do *Origo* provocado pelo uso de complexos pronomes demonstrativos. Como representação antes de tudo linguística, os pronomes demonstrativos, segundo Bühler (1967), referem-se ao mentalizado, ou seja, aquilo que foi lembrado ou reexperienciado. Os demonstrativos, retêm, juntamente com a presente instância do discurso, o lugar imaginado, a fantasia construtiva. Autor (2014) demonstrou, com base em Hanks (2008), que, no uso de demonstrativos, o campo dêitico se expande para abrigar as coordenadas espaciais e temporais da memória. “Ali”, “lá”, “aquele”, “este” são alguns dos signos dêiticos que apontam para outro contexto que não àquele do espaço perceptivo. Como Bühler (1967, p. 195) formulou, “não há o que buscar-se”, indicando que o local para onde os demonstrativos apontam não “existe” ou não se encontra no limite espacial entre emissor e receptor.

Com o uso de demonstrativos, segundo Bühler (1967, p. 200), “o narrador leva o ouvinte ao reino do ausente ou ao reino da fantasia construtiva”. E ele continua: “as circunstâncias tem que ser *ali* distintas, segundo parece, porque aqueles recursos prelinguísticos que são imprescindíveis para a *demonstratio ad oculos* não existem na mostraçã em fantasma” (1967, p. 200, grifo do autor). Os recursos prelinguísticos que ele salienta dizem respeito aos sinais linguísticos encrustados nas expressões linguísticas que indicam tão somente a dimensão presente. Segundo West (2013, p. 23), “as demonstrações transcendem a contiguidade espacial e temporal entre o significado e o significante: elas referem a objetos físicos ausentes e às memórias provocadas por operações mentais”. Diferentemente do anafórico e da *demonstratio ad oculos*, que existem somente no plano linguístico e dependem das relações sintáticas entre o antecedente e o seu respectivo objeto, a *deixis am phantasma* aparece no plano perceptual, através do qual a sua inserção no discurso depende da memória e de aspectos sensoriais. Com outra nomenclatura, Rëcanati (2013) denominou este processo de *demonstrative memory*.

As partículas dos demonstrativos dissociam-se no espaço perceptivo e atingem o campo do imaginário, a fantasia construtiva. Na *deixis am phantasma*, o interlocutor não vê, não percebe, não ouve, não cheira. Como nos diz Bühler (1967, p. 195), novamente, “não há o que buscar-se”. A questão psicológica central é, pois: como é possível guiar e ser guiado no ausente? A resposta é a seguinte: porque os sinais materiais do conjunto do discurso não estão presentes fisicamente, a única força potencialmente ilusória que pode discernir o estado de coisas de uma lembrança é o ato de apontar, mesmo sabendo que este ato de apontar se origina no presente imediato. Todo ato de apontar contém em si uma força invisível que aponta semioticamente para espaços externos ao campo dêitico de relações espaço-temporais. A partir do momento em que o locutor aponta para um espaço exterior à percepção, o locutor, deixa para trás toda uma memória fantasmática sujeita a confusões de discernimento e significação.

Com base em Bühler (1967, p. 205, grifo meu), vamos supor a seguinte proposição: “e quando um dos viventes orientados deste modo, a saber, o homem, abre a boca e começa a falar dêiticamente, por exemplo, “*ali* já foi uma estação” e adapta transitoriamente a atitude de um indicador”. O interessante a notar, neste raciocínio, é que a *deixis am phantasma* “ali” não pertence mais ao espaço perceptivo do falante, mas ele, a qualquer modo, emprega um dêitico de lugar “ali”. É que, na língua, não há outra expressão linguística dêitica que corresponda a uma distância do ponto *Origo* de relações sensório-

motoras. É como se o falante quisesse dizer ao interlocutor que “ali”, naquele espaço vazio, onde reside uma outra construção, “ali” sim era uma estação. Espacialmente, “ali” existiria uma estação, mas, no momento atual, ela não mais existe. Intercalando com a teoria da *deixis am phantasma*, “ali”, exatamente “ali”, se percebe uma *situação-fantasma*. Contrariamente, o interlocutor pode perguntar ao falante: ““ali” aonde, eu não estou vendo nenhuma estação?”, porque o “local” para o qual o falante aponta não está presente fisicamente, mas espiritualmente. É o caso em que Bühler (1967) atenta o interlocutor a enxergar também com os “olhos do espírito”.

Tornando a proposição mais complexa, supõe-se que o interlocutor, ao não “ver” mais a estação, projete em sua mente uma imagem mental possível ou análoga àquela estação. Com este ato, podemos perceber quão misteriosa é a teoria da *deixis am phantasma*, é como se a mente do interlocutor procurasse, de alguma forma, recepcionar e significar aquele espaço de interação. Tomando a imagem mental que ele constrói, aí sim, vemos, com relevância, a urgência do pensamento em detectar instantaneamente que “lugar” misterioso é este o qual nem se busca, nem se encontra no espaço perceptivo. Sendo assim, “aquele lugar” que não existe no plano perceptual se enquadra em uma nova orientação dêitica, translocando o espaço imediato para o espaço imaginado.

É, portanto, com a força dos índices do imaginário que a *deixis am phantasma* “se presentifica”. Desde o início da proposição, tudo é ainda opaco, não-visível, misterioso. O ato de apontar do locutor para o “ali”, no começo, é apenas um modo de orientação e deslumbramento do espaço físico, como se o interlocutor experienciasse o “local” à primeira vista, procurando detectar as pistas contextuais que não estão inscritas no conjunto do discurso, ou seja, na construção do plano linguístico da ação.

“Ali” reflete tanto a realidade, como a fantasia. No primeiro contato com tal expressão dêitica, o “ali” poderia ser não mais que um local comum de percepção e orientação espacial, como se fizesse parte da instância do presente, ou seja, estivesse no mesmo plano perceptual. Mas, no momento dêitico em que o locutor aponta para um “ali”, esta expressão linguística deixa o espaço perceptivo e adere um novo ponto focal de orientação, a saber, a do passado imediato. Porém, dentro deste limite geográfico, o interlocutor ainda não consegue captar se aquela expressão linguística, o “ali”, remete mesmo à estação, porque, já suponhamos que o interlocutor, não vê, nem percebe, nem tateia o ambiente. É justamente somente a partir da criação de uma imagem mental em sua mente, que ele percepção a tal “estação” como que enquadrada em seu imaginário. Aí sim, o interlocutor pode imaginar como poderia ser aquela estação; se alta, se grande, com alguma cor, repleta de pessoas etc.

Vejamos, agora, esta sentença do português brasileiro: “- Eu só queria estar *lá* para receber *estes* cachorros a chicote” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 322). Na nossa língua, o recurso a um pronome demonstrativo é recorrente toda vez que o falante quer sinalizar ou reorientar o seu interlocutor no conjunto do discurso. Neste exemplo, o demonstrativo “estes” não indica que este acontecimento ocorreu no mesmo espaço perceptivo onde se encontram os interlocutores. Esta hipótese é dada porque na mesma sentença a expressão linguística “lá” foi acionada. De imediato, não sabemos qual é o lugar onde seria este “lá”. De qualquer forma, sabemos, por pistas contextuais, que o lugar para onde o falante aponta está distante do centro dêitico.

Vejam que, normalmente, a função do demonstrativo como “este” é a de indicar para um objeto

que está no mesmo espaço perceptivo dos falantes. Mas, nesta sentença, não é isto o que ocorre. Muito embora sejam “estes cachorros”, os mesmos cachorros não estão no mesmo espaço perceptivo, logo, podemos inferir que aí está um caso de *deixis am phantasma*. Na verdade, o uso de “estes” na sentença tem um valor representativo, ou melhor, ilusório porque os cachorros não estão presentes fisicamente, mas espiritualmente. Possivelmente, o uso de “estes” na sentença é mais para salientar que os cachorros os quais o falante menciona são seus cachorros de verdade, logo, o falante deve ser o seu dono. O uso de “estes” serve mais para salientar esta informação: a de que o falante é o dono, por isso são “estes cachorros” e não outros cachorros.

Mudando um pouco a lógica do discurso, era mais comum, na forma usual da língua, o falante dizer “aqueles cachorros” porque se o espaço perceptivo está distante do centro dêitico, onde ocorre a sentença; no uso de “lá”, naquele lugar, seria mais cabível o uso também de “aqueles cachorros” uma vez que estes cachorros não estão no mesmo lugar em que o falante está. O uso de “estes cachorros” é meramente representativo com o intuito ainda de demonstrar que ocorreram outras cenas semelhantes com “estes cachorros”. É o mesmo que o falante dizer na mesma sentença: “estes cachorros são bravos”. Ainda assim os cachorros estão distantes do centro dêitico o que, na língua usual, parece que, contudo, eles estão no mesmo espaço geográfico, já que se usa “estes”. O que torna o uso do demonstrativo fictício é a emergência do contexto atribuído à expressão “lá”. Ou seja, os cachorros estão ausentes para o falante, eles não podem ser vistos, nem tateados, muito embora sejam “estes cachorros” que, na verdade, não estão aqui. Portanto, vemos, nesta sentença, nada mais do que uma situação-fantasma pela qual o falante aciona os seus “fantasmas”, a saber, os cachorros.

Vejamos, agora, um outro exemplo: “O menino chegou todo ensanguentado, *aí* mesmo *neste* lugar onde tu estás” (NEVES, 2000, p. 500). Nesta sentença, o falante reconta um acontecimento que ele testemunhou: o de ver um menino todo ensanguentado. A questão, neste caso, é que no momento em que o falante atribui a expressão dêitica “*aí*”, ele está como que revivenciando o mesmo acontecimento, mesmo sem a presença do menino todo ensanguentado. Poderia ser que neste mesmo lugar ainda podiam-se ver indícios de sangue ou que o evento tivesse ocorrido alguns dias antes. De qualquer forma, o uso do “*aí*” redimensiona ou reapresenta a cena diante do interlocutor, mesmo sem a presença física do menino. Foi, então, caracteristicamente, o local onde ocorreu a cena que projetou na mente do falante esta experiência revivida.

Nesta perspectiva, estamos diante de uma situação-fantasma porque, mesmo na ausência do menino ensanguentado, aquele lugar faz lembrar e reexperienciar esta cena. O interlocutor, que é o tu, pode até, em certo momento, “ver” o menino ensanguentado, ou melhor, imaginar visualmente em qual estado se encontrava aquele menino já que a ocorrência é um fato chocante. Este acontecimento é muito comum nos contos de Sherlock Holmes ou em filmes de investigação criminal nos quais o detetive têm pouquíssimas pistas sobre a origem ou a causa do episódio relatado.

Bühler (1967) convoca-nos para uma outra reflexão: “quando esse mesmo homem usa palavras como adiante-atrás, direita-esquerda, acima-abaixo, resulta um novo feito, a saber, o feito de que, em relação com sua orientação óptica, também sente seu corpo e o coloca em disposição mostrativa” (1967, p. 205). No caso da proposição “Ali já foi uma estação”, a sua significação se articula no momento em que

o locutor se dispõe mostrativamente no discurso ao apontar com os dedos para aquela imensidão externa à dimensão perceptual. O jogo de relações entre emissor e receptor se inscreve na difícil retomada do eixo de relações espaço-temporais da situação-fantasma “ali”. Ou com a cabeça, ou com os olhos ou com os próprios dedos, o locutor propõe-se ser interpretado partindo-se de sua orientação visuo-espacial, ou seja, o seu corpo é, na verdade, o ponto de ancoragem dêitica entre a situação ordinária e a situação imaginada. Isto acontece porque a linguagem é “corporificada”.

Junto com o movimento anafórico da cabeça, dos olhos ou dos dedos, o locutor predispõe-se a interagir com o interlocutor, provocando um movimento de ruptura na camada mais profunda do discurso, contribuindo maciçamente para a sua possível significação. Nos termos de Bühler (1967, p. 205), “a sua imagem tátil corporal (consciente e vívida) está em relação com o espaço visual”. Neste exato ponto, não podemos confundir a imagem corporal do locutor com a imagem mental construída pelo interlocutor; ambas são potencialmente diferentes e pertencem a diferentes funções no jogo enunciativo. Sabe-se, antes de tudo, que a origem, o ponto de partida de coordenadas das direções visuais, varia na imagem tátil corporal. É interessante notar que, no conjunto do discurso entre emissor e receptor, “o *aqui* intuitivo ou mentalizado”, inclusive quando se pensa de modo óptico, não está sempre no mesmo “lugar” da imagem tátil corporal.

Isto quer dizer que os índices remissivos do ato de apontar do locutor não estão na mesma linearidade visuo-espacial da situação presente do discurso. O procedimento de mostrar alguma coisa a alguém se configura a partir da imagem tátil corporal, sendo a sua imagem intuitiva, um prolongamento ou uma distensão do espaço perceptivo do falante. Segundo Bühler (1967), neste caso, percebemos uma estrita vinculação orgânica da imagem intuitiva ou imagem perceptiva. Com outras palavras, o aqui-agora da enunciação se prolonga ou se dissemina na imagem tátil corporal do locutor, da situação do discurso à situação-fantasma.

Vamos supor, agora, a seguinte proposição: “Aqui, exatamente aqui, o barco velava”. Neste caso em particular, não há supostamente um deslocamento visuo-espacial do objeto designado. À primeira vista, é como se objeto, o navio, estivesse estritamente no mesmo local, na mesma superfície em que se encontra o locutor. Mas, embora o objeto espacial, o barco, apareça no conjunto do discurso, ele, precisamente, não existe ou não está presente. A este fato, designaremos a expressão “aqui” como uma *deixis am phantasma*. Primeiro porque o “aqui” normalmente é usado para se referir a um objeto cravado na presente instância do discurso, mas, o objeto (o barco), no primeiro contato, não se movimenta, não age. Segundo porque como a *deixis am phantasma* refere-se a lugares e a objetos ausentes, linguisticamente, nenhuma expressão deste tal discurso não indicia nenhum tipo de movimento, mas, com outras palavras, é como se o “barco” se movimentasse aos olhos do espírito do interlocutor; se movimentasse e desaparece-se.

O interessante a notar é que o signo dêitico “aqui”, além de discernir a “realidade” existencial do objeto (o barco), também reflete a fantasia construtiva. Normalmente, no discurso, o “aqui”, assim como o “agora”, indica o mesmo valor de posição; a orientação no presente imediato. Mas, no exemplo acima, o “aqui” sinalizado pelo locutor é, na verdade, um aqui-fantasma na visão de Bühler (1967), “o mesmo que o aqui, também o agora em fantasma pode ser movido a qualquer situação” (BUHLER, 1967, p. 209). A este caso, verificamos fenomenologicamente uma atualização da situação e comprovamos que,



nesta “situação”, a *deixis am phantasma* não proporciona nenhum tipo de recurso mostrativo. É, pois, na significação e reapresentação do objeto designado (o barco), que se transpõe a situação linguística para a situação-fantasma. Embora, neste caso, apareçam situações da recordação ou da fantasia de caráter semelhante à percepção. Estas situações substituem o caráter dado primário das situações perceptivas.

Em outras palavras, o “aqui” naquela proposição não deve estar no verdadeiro sentido de sua expressão linguística dêitica e que uma “transposição” é necessária para “dar lugar” à imagem tátil corporal do falante. Alegoricamente, Bühler (1967) apresenta a metáfora bíblica, a de que “Maomé vai à montanha e a montanha vai a Maomé”, descrevendo a similitude e verossimilhança entre a “realidade” e a “fantasia”. Na descrição linguística da *deixis am phantasma*, não sabemos, na verdade, se é a montanha que vai a Maomé ou se é Maomé que vai à montanha.

## 2. A ORIGEM E MANIFESTAÇÃO DA DEIXIS AM PHANTASMA

A *deixis am phantasma* se diferencia, entre vários aspectos, de outras modalidades com os dêiticos por conta de que os objetos são em parte percebidos e em parte representados. Ou seja, nem todos os objetos no conjunto do discurso são percebidos e nem todos estes objetos são representados. Isto acontece porque a probabilidade de presença de pistas contextuais neste caso particular de dêixis é muito restrita. O caráter distintivo da *deixis am phantasma* está no fato de que o locutor é capaz de indicar com o dedo a direção em que o ausente é visto com os olhos do espírito. Bühler (1967, p. 213) questiona, por exemplo, “a 500 ouvintes na classe, onde está a catedral de San Esteban? e aproximadamente se levantam 300 índices de dedos e sinalizam (com diversos desvios interessantes) no espaço da aula”.

Percebemos, com este ato singular de apontamento com os dedos, como nem todos os ouvintes, apenas 60% deles, conseguiram identificar, no ambiente de interação, onde estava a catedral de San Esteban. Esta catedral fica em pleno centro da capital austríaca e é um dos símbolos religiosos mais importantes de Viena. O interessante a notar é que os ouvintes, ou seja, os alunos, estavam dentro da sala de aula e nenhum deles conseguiu visualizar opticamente onde estava tal catedral.

Mas, como descrevemos anteriormente, Bühler (1967) tinha em mente que não há o que buscar-se ou encontrar-se ao tentar interpretar a *deixis am phantasma*. Neste caso da catedral, os ouvintes supuseram que a catedral ficava, digamos, ao lado esquerdo de onde estavam, projetando o dedo para esta região. Mas o caso é que a catedral não estava presente aos seus olhos fisicamente e, sendo assim, eles tiveram que utilizar de sua intuição para se orientarem no espaço perceptivo. O mesmo aconteceria se os alunos tivessem que usar um dêitico de lugar como “lá” e dissessem: “A catedral de San Esteban fica “lá””. Neste contexto atual, nada mudaria porque o objeto designado para tal e representado com o apontamento dos dedos não estar presente, logo, eles teriam que sumariamente utilizar de sua intuição geográfica ou visuo-espacial para ilustrar ilusoriamente onde estava a catedral de San Esteban.

Segundo Bühler (1967, p. 213), “a catedral de San Esteban está, dito psicologicamente, em alguma parte, que não está com o aqui em uma relação que pode indicar-se”. Ou seja, mesmo que a catedral esteja ausente, ainda, mesmo assim, é possível indicar, com os dedos, em qual “lugar” possivelmente a catedral, esteja. Neste caso, a transposição do ambiente imediato para um ambiente fantasmático é uma

atitude fictícia, demonstrando que a direção do movimento dos dedos implica na significação adequada do objeto “percepcionado”. Como no exemplo da catedral de Esteban, sempre ocorre que o ausente se enlace com a orientação dos interlocutores em sua situação perceptiva, imprescindível para o intercâmbio verbal ordenado. Agora, tomemos a seguinte imagem mental descrita por Bühler (1967):

Pessoalmente, tenho viva na memória uma noite em São Francisco, em que um estudante chinês nos guiou por um teatro chinês. O que acontecia no cenário era reproduzido de um modo absolutamente paradigmático na mais simples *deixis am phantasma*. Por exemplo: dois exércitos (conduzido um pelo princípio do mal com máscara negra, o outro pelo luminoso princípio do bem) travam uma batalha. No cenário há de fato duas largas mesas a pouca distância; o espaço entre elas significa um rio; uma tabua por cima, a ponte; um factótum que não toma parte na representação retira a tabua: a ponte é destruída; um grupo de atores com espanadores de rabo de cavalo na mão: a cavalaria; os espanadores jogados no chão: os cavaleiros estão desmontados, etc (BUHLER, 1967, p. 219, tradução minha).

Nesta imagem mental, Bühler (1967) expõe com detalhes a sua experiência em um teatro chinês guiado por um chinês. Aquele cenário representado no tal teatro condensa ilusoriamente o estado da *deixis am phantasma*. Por princípio, não há apontamento com os dedos, nem com a cabeça, mas, o interessante a notar é que toda a encenação é arquitetada sem fala, apenas com a ação dos atores-personagens. São, na verdade, dois exércitos, um faz parte do bem e o outro do mal e instantaneamente travam uma batalha, porém, não fica claro se os combatentes realmente confrontam entre si. O que acontece é que, fantasmaticamente, a ponte em que dividiam os dois exércitos se rompe, é destruída por um factótum (indivíduo cuja função é ocupar-se de todos os afazeres de outrem).

Visto psicologicamente, isto não é outra coisa do que um jogo fictício sistematizado, suportado em mil convenções, que sem tal convenção e com soberana arbitrariedade, os recursos parecidos se representam no dia a dia em todos os quartos de crianças do mundo. Segundo Bühler (1967), em todas as partes, como neste caso da batalha dos dois exércitos, “se utiliza o campo de orientação da situação perceptiva presente e se elabora com transposições como no épico ou invocações do ausente dentro do espaço de presença como no drama” (p. 219). Podemos dizer que entre os dois exércitos se delineia uma linha imaginária, a saber, a tábuia, que lhes serve como ponte. Bühler (1967) quer se referir, por exemplo, intuitivamente e com recursos mostrativos ao curso da batalha decisiva entre César e Pompeu, tal como conta Plutarco.

Sendo assim, Bühler (1967, p. 218, grifo do autor), traça o seguinte esquema linear: “isto é a linha de batalha de César - aqui a legião décima, aqui a cavalaria - aqui o mesmo. Esta é a linha de batalha de Pompeu, etc.”. Há de partir de coisas deste tipo para estudar psicologicamente a mais elementar *deixis em phantasma*. Neste caso em particular, é como se Bühler tivesse à disposição, acima de uma mesa, uma representação da batalha entre César e Pompeu. Quando ele enuncia “isto” é a linha de batalha de César ou a de Pompeu; é como se Bühler construísse magicamente com os dedos a linha de batalha, mas é fato que esta “linha” não está presente fisicamente, ele conta com recursos mostrativos para representar um espaço geográfico de uma batalha. No conjunto do discurso, não fica evidente se Bühler se utiliza de “bonecos” para representar a tal batalha, mas é verdade que a linha que se cria com o recurso mostrativo dos dedos é, de fato, imaginária. Algo similar acontece com os dois exércitos em que a ponte é representada por uma

tábua, no momento em que a tábua é destruída, o espetáculo se encerra, provocando o desmembramento e desmontamento dos cavaleiros. Nestes dois casos, não se trata de outra coisa que da revivescência de uma cena vivida em comum pelo atual falante e o atual ouvinte, que está, todavia, fresca na memória de ambos. Ou seja, se tratam, pois, de situações-fantasmas.

Segundo West (2013, 28), “as memórias ou retenções, que constituem as “situações-fantasmas” tem sua origem no reconhecimento de um estímulo dentro do contexto espaço-temporal imediato, especialmente àquele da localização prévia de um objeto ou evento”. Em outras palavras, as ocorrências linguísticas da *deixis am phantasma* são consequências diretas da memória retrospectiva de eventos observados. Ainda segundo West (2013), Bühler (1967) usa do termo memória eidética para demonstrar a intensidade ou a força emotiva da memória ao produzir uma instância de *deixis am phantasma*.

A fonte da memória que dá origem a estes “fantasmas” é retrospectiva, já que as cópias perceptuais de eventos atuais constituem a natureza do “fantasma”. Os espectadores, no contexto da ficção realizada, podem mentalmente imaginar algo invisível indicado pelo signo dêitico ou algum ato de apontamento com os dedos, sem compartilhar sua imaginação construída com o ator. No caso da imagem mental do contexto da batalha entre os dois exércitos (o do bem e o do mal), Bühler (1967) não pretende “esgotar” a sua enunciação imaginada, muito pelo contrário, a sua intenção é, na verdade, deixar que o espectador da cena, o ouvinte, projete em sua mente a mesma ocorrência perceptual a ponto de representá-la dentro dos seus “limites” imaginativos e intuitivos.

O objetivo de Bühler (1967), então, é o de lançar ao espectador o desafio de interpretar a sua imagem mental com ou sem recursos mostrativos, muito embora a cena revivida do campo de batalha não produza nenhum tipo de recurso mostrativo. A contação de histórias fantásticas como a do cenário revivido do campo de batalha faz parte do universo épico e mágico das crianças. Dentro do quarto, fechado por paredes, a criança pode construir uma imagem análoga ao cenário revivenciado por Bühler (1967). Esta criança pode imaginar cavaleiros, espanadores, lutas, guerras etc; cenas estas que contam e recontam histórias que enriquecem a fantasia construtiva da criança.

Vamos imaginar a seguinte cena: se caso uma destas crianças, permanecida dentro do seu quarto, aponte para um objeto, a saber, um urso de pelúcia que estar jogado no chão da sala de estar e exprima para a mãe: “Mãe, traga o meu urso que está lá”, esta enunciação assemelha-se ao caso da catedral de San Esteban descrito anteriormente. Sabe-se que, no ambiente geográfico do quarto, não há nenhum urso de pelúcia, o único que existe está na sala de estar. Partindo desta perspectiva, o ato de apontar com os dedos e adaptar um sinal linguístico “lá”, no contexto da ocorrência, contribui para a assimilação do ambiente geográfico que está ausente aos olhos, a sala de estar.

A mãe, ao perceber que o filho aponta para o “nada”, para o ausente, pois está dentro do seu quarto e não há nenhum urso de pelúcia, começa a internalizar o ato de apontamento e percebe que para onde o filho aponta só pode ser para a sala de estar e, então, o seu cérebro sinaliza que o espaço perceptivo mais acessível e próximo só pode ser a sala de estar. Além disso, é possível que a mãe tenha lembrado que, anteriormente, há algumas horas passadas, o filho estava brincando com o mesmo urso na sala de estar. Assim, a mãe relembra, ativa a sua memória retrospectiva, o que a faz acionar os dedos e dizer ao filho: “está lá, lá na sala de estar”.

Partindo deste pressuposto, podemos perceber o quanto os sinais de apontamento com os dedos ou com a cabeça podem passar despercebidos, serem negligenciados, quando, na verdade, os sinais, são muito importantes para, além da orientação visuo-espacial, significar o ambiente de relações espaço-temporais. Comecei este artigo apresentando a principal característica da ontogenia humana, a saber, o ato de apontar. E é com ele que pretendo terminar. As crianças são os exemplos mais concretos do uso da linguagem não-verbal. Todo o aparato epistemológico da *dêixis* e, neste caso, a *dêixis am phantasma*, se concretiza na invisibilidade do objeto, em seu caráter ausente, opaco, imaterial e semiótico. Quer um exemplo mais verídico e elementar da significação humana do que o ato de apontar com os dedos de uma criança? Somente com este ato, ela pode significar todo o seu entorno, sem dizer sequer uma palavra.

As pontas dos dedos se manifestam como uma complexa linguagem, embora, muitas das vezes, a mãe não consiga detectar o propósito comunicativo de seu apontamento. De qualquer forma, a enunciação com a *dêixis am phantasma* tende a se realizar. Deve ser por conta do lapso ou da inexistência de fala que a criança, em sua fase balbuciar, decide comunicar apenas com as pontas dos dedos. Isto mostra, com exatidão, que a criança tem “consciência” de seu limite intelectual e sabe que não há outra forma prematura de se comunicar com outrem ao não ser com os dedos. Já o olhar é um ato muito mais complexo do que as pontas dos dedos já que, como dizem ordinariamente, o olhar é a janela da alma. Pelo olhar, somente a criança não consegue apreender a totalidade de significação deste ato, nem mesmo a maioria dos adultos. Mas, este caso é um aspecto à parte. Fica no ar a manifestação do mágico, do imaginário, demonstrando que nem sempre aquilo que está ausente, está realmente ausente, basta que nós enxerguemos, como nos diz Bühler (1967), com os olhos do espírito. Este é um dos paradoxos mais sublimes da compreensão humana: o ausente; aquilo que faz falta.

## CONCLUSÃO

No avanço dos estudos aqui propostos, percebemos que Bühler (1967) foi um dos (senão o primeiro) a introjetar, nos estudos da linguagem, a noção elementar de *dêixis am phantasma*. Na teoria clássica da *dêixis*, até o início do século XX, não havia nenhum indício da sistematização do quadro teórico da *dêixis* que focalizasse, sobretudo, as relações com a memória. Bühler (1967), contudo, na efervescência dos estudos linguísticos, teve a sagacidade de “criar” um conceito dentro de uma abordagem sensivelmente “psicológica”.

Como descrevemos anteriormente, o especialista em *dêixis* pode facilmente fazer um “corte” epistemológico nesta teoria e levar em consideração o momento anterior à discussão sobre a *dêixis am phantasma* e o momento posterior a tal discussão. Além de este ser um “campo” novo, possui poucas referências sobre o assunto.

Contudo, tentamos, no desenvolvimento da teoria em ênfase, esboçar algumas considerações que levassem a crer que o estudo do fenômeno dêitico também tem relação com as abordagens sobre o estatuto da memória. No momento em que Bühler (1967) caracteriza a *dêixis am phantasma* como a referência a objetos ausentes do campo de percepção, a teorização sobre a *dêixis* começa a enquadrar-se em uma nova abordagem e visualização da questão. Não se está, pois, se referindo mais aos objetos

espaciais do momento atual da enunciação, como indicam as referências sobre a noção clássica de dêixis. Ao contrário, estar-se, pois, referindo a um objeto demonstrativamente designado em um ambiente revivido, reexperienciado e imaginado, aquele da “fantasia construtiva”.

Nossos resultados preliminares apontam que a *deixis am phantasma* funciona mais como um fenômeno perceptual do que meramente um signo linguístico de referência. A força do pensamento e a fonte da memória são condições primordiais para o acesso a “situações-fantasmas”. Normalmente, no estudos enunciativos, os fragmentos episódicos recorrentes que atestam a concentração de índices remissivos de uma porção prévia ou de uma memória retrospectiva são negligenciados, deixados à parte, sem a descrição de um fundamento mais específico sobre a teoria.

No momento em que me proponho a investigar um “campo” novo, se lança um tremendo desafio. Na tentativa de avançar nos estudos, passamos a desenvolver novos olhares, novas concepções em torno do objeto investigado. Esperamos que, com isso, possamos não “esgotar” o fundamento da teoria em si mesmo, ao contrário, que possamos dar grande visibilidade à teoria em questão, proporcionando ao leitor, a inferência de novos pontos de vista em torno do fenômeno focalizado, a *deixis am phantasma*. Se caso o leitor nunca deu margem ao ausente, aquilo que lhe falta, que, agora, ele comece a valorizar o que se apresenta à primeira vista como “invisível”.

## REFERÊNCIAS

BAR-HILLEL, Y. Expressões indiciais. In: DASCAL, M. (Org.) **Fundamentos metodológicos da linguística: problemas, críticas e perspectivas da linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1982, p. 23-49.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BUHLER, K. La deixis en fantasma y el uso anafórico de los demostrativos. In: MARÍAS, J. **Teoria del lenguaje**. Madrid: Revista de Occidente, 1967. Tradução de: Sprachtheorie. Jena. Gustav Fischer, 1934, p. 195-219.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. et al.** Tradução de Ana Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

JESPERSEN, O. **Language: its nature, development, and origin**. London, UK: George Allen & Unwin, 1964.

---

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RECANATI, F. Concepts perceptual: in defence of the model indexical. **Synthese** v. 1, p.1-18, 2013.

SANTOS, C. C. C. **Bons tempos aqueles: implicações na expansão do campo dêitico**. São Cristóvão, 2014. 100 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

WEST, D. E. Cognitive and linguistic underpinnings of deixis am phantasma: Bühler's and Peirce's semiotic. **Sign Systems Studies**. v. 41, n.1, 2013, p. 21-41.